



Mais informações e contato: 📞 (11) 95446-2020



pormassas.org |



fb.com/massas.por |



@massas.por

APEOESP - 01/06/22

Que as centrais, sindicatos e movimentos convoquem imediatamente um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, por um reajuste salarial a todos os trabalhadores; por empregos e direitos trabalhistas

A Apeoesp, um dos maiores sindicatos, tem a obrigação de se posicionar sobre a terrível situação que vem passando a maioria dos trabalhadores. As medidas dos governantes e dos capitalistas têm marcado duramente as condições de existência de milhões de brasileiros. O custo de vida se tornou insuportável, os salários vêm perdendo cada vez mais o seu poder de compra, os capitalistas não têm concedido sequer a correção da inflação oficial, o fechamento de fábricas (Ford, LG, Toyota, Caa-Chery, principalmente) destrói milhares de postos de trabalho e as privatizações de empresas estratégicas não param, a exemplo, agora, da Eletrobras. O Congresso Nacional está diante da PEC-206, que institui a cobrança de mensalidade nas universidades públicas; e do PL que regulamenta a prática da educação domiciliar no Brasil (homeschooling). Portanto, dois profundos ataques à educação.

Por outro lado, o governador de São Paulo se recusa a conceder o reajuste de 33,24% e retirar o confisco salarial dos aposentados. Há que destacar também o avanço da fome e miséria, a situação de barbárie social de mais de 30 mil moradores de rua, o agravamento da violência policial nas favelas e sobre a juventude pobre, particularmente negra, e as consequências da guerra na

Ucrânia sobre a economia brasileira.

Essa breve descrição exige que as direções sindicais e políticas se coloquem verdadeiramente em defesa da vida dos explorados. Que deixem de submeter os sindicatos à disputa eleitoral. E que utilizem os organismos dos trabalhadores unicamente para a luta por suas reivindicações vitais.

A Corrente Proletária defende que o Conselho de Representantes e a Assembleia aprovem a convocação imediata de um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios. Somente com a luta direta, nas ruas, será possível enfrentar esses brutais ataques dos governantes e dos capitalistas.

Diante da guerra, a Corrente Proletária vem defendendo as bandeiras do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI): 1) fim da guerra; 2) desmantelamento da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos na Europa; 3) Revogação das sanções econômico-financeiras contra a Rússia; 4) Autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. Nesse sentido, propõe que as direções sindicais organizem as manifestações contra a guerra.

Responder à violência e às medidas governamentais por meio da luta coletiva nas ruas

Com o retorno integral dos alunos às escolas, ficou visível a desintegração da educação. O aumento de 1 hora-aula, combinada com a falta de funcionários e de professores para as aulas de “Projetos” do Ensino Médio, tem aumentado a violência no interior das escolas. Os diretores, para supostamente amenizar os conflitos, usam os meios repressivos sobre os estudantes, e responsabilizam os professores e funcionários por não conterem a indisciplina e os conflitos.

Essa situação, certamente agravada por dois anos de pandemia e de ensino remoto, se potencializou com a

imposição das Escolas de Tempo Integral (PEI), da Eja-tec e dos “novos itinerários formativos” no ensino regular. Com o fechamento do período noturno e a extinção da EJA em várias escolas, parte dos alunos foi deslocada para unidades distantes, o que tem levado ao abandono dos estudos. Nas escolas, a quantidade de aulas vagas é grande, porque faltam professores. O governo, apesar de um cadastro enorme de professores disponíveis, não contrata. Nas PEIs, a promessa de um novo ensino caiu por terra, os professores são obrigados a trabalhar sem os recursos prometidos. Para os alunos, são uma pri-

são. Essa condição, não por acaso, se tornou fonte de toda sorte de violência. Por outro lado, os salários baixos, as duras medidas contra as condições de ensino e trabalho, a eliminação de conquistas (como as faltas médicas, as abonadas, o abono para participar de reuniões sindicais, etc.) têm provocado um profundo descontentamento entre os professores. Assim, após apenas 4 meses do início do ano letivo, o esgotamento é generalizado.

Como se vê, a responsabilidade pela violência e pelo fracasso dos “projetos educacionais” é inteiramente do governo. No entanto, não basta denunciar o descaso dos governantes. A indignação e o descontentamento individual dos professores e funcionários não modificarão essa penosa realidade. A violência e a indisciplina não serão contidas com a repressão, expulsão, Conselho Tutelar e a polícia, como vêm sendo tratadas por uma parcela de diretores de escolas.

A revolta dos trabalhadores da educação precisa ser transformada em luta concreta contra os ataques do governo à educação. As ações por escola ou bairro, que vêm ocorrendo, estão isoladas. A força dos trabalhadores e estudantes está na ação coletiva e na luta direta nas ruas.

É preciso combater a raiz do problema, que se encontra na decomposição do capitalismo. O que implica defender o emprego, o salário e as conquistas trabalhistas. Defender o direito à educação pública em todos os níveis e contra o ensino privado. Defender que nenhum jovem esteja fora do trabalho e das escolas. A luta pelas reivindicações dos trabalhadores e dos estudantes permitirá derrotar os planos privatistas dos governantes e as medidas dos capitalistas, que são de descarregar a crise econômica sobre a maioria trabalhadora.

Paralisar as escolas, esse é o caminho

Apesar do profundo descontentamento dos professores, a decisão por paralisar as escolas e comparecer massivamente na assembleia ainda não ganhou força suficiente. Muitos colocaram o problema das faltas, outros justificaram o acúmulo com outras redes de ensino e há aqueles que sempre dizem que só paralisam quando a escola toda fechar. Como se vê, a despolitização é grande.

A tarefa da direção sindical é trabalhar para elevar

a consciência política sobre a importância da luta coletiva. E não se submeter ao atraso, que vem se manifestando entre o professorado.

Nesse sentido, a assembleia do dia 3 de junho tem de dar mais um passo para fortalecer a luta coletiva, único caminho para derrotar os planos dos governantes de destruição da educação pública. Para isso, é preciso avaliar, corrigir os erros e marcar nova assembleia.

Erguer os Comitês de luta, e não Comitês eleitorais

A Apeoesp aprovou a construção dos “Comitês de Luta”, que na realidade são comitês para impulsionar a eleição de Lula. Diante de tantos problemas, como descrevemos acima, essa proposta da Apeoesp acabou gerando mais desconfiança nas escolas em relação ao sindicato.

Os verdadeiros comitês nascem da luta dos trabalhadores por suas reivindicações. São erguidos nos locais de trabalho e nos bairros, visando a unificar os explorados para enfrentar, com seus próprios métodos, os capitalistas e seus governantes.

Nas reuniões de Representantes de Escola, prevaleceu a discussão eleitoral, criando a ilusão de que bastando trocar o governo “fascista” por um governo democrático – trocar Bolsonaro por Lula -, a situação se tornará favorável aos trabalhadores. Como se fosse possível o governo de Lula/Alckmin anular as contrar-

reformas de Temer e Bolsonaro – trabalhista, previdenciária, terceirização. Como se fosse possível, em São Paulo, Haddad pôr fim às PEIs, Ejatec, Plano de Carreira de Doria, confisco salarial dos aposentados e repor as perdas salariais dos professores. Não! A derrota das contrarreformas e os planos privatistas da educação só virá da luta unitária dos trabalhadores, com greves e manifestações por todo o país.

A Corrente Proletária rejeita os Comitês eleitorais. Defende a independência de classe do sindicato. Rejeita o método de conduzir o movimento dos professores para o terreno da disputa eleitoral. E defende que as direções sindicais convoquem as assembleias, constituam os verdadeiros comitês de base e convoquem um Dia Nacional de Luta, objetivando a preparação de uma poderosa greve geral.

Escute o Massas, podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas
(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

